



ARAUTO

1969
NOVEMBRO
ANO XII
N.º 55

Prop. do CENTRO DE
ACTIVIDADES CIRCUM
ESCOLARES DO L.N.H.

Redacção e Administração: Liceu Nacional da Horta • Editor e Orientador: Dr. Tomaz da Rosa • Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA

Redactores
J. Diogo, C. Moniz, J. Ferreira, M. Frayão e J. Pires

Chefe do Núcleo
COSTA RITA

Administrador
LUÍS ALBERTO FRAGA

O TEATRO

de

Luis Francisco Rebello

No panorama da moderna dramaturgia portuguesa, são do conhecimento geral os nomes das figuras de maior relevo, como Bernardo Santareno, Luis de Sttan Monteiro, Cardoso Pires e Luis Francisco Rebello. É a este último que, como o título indica, nos vamos referir neste apontamento.

O principal aspecto do carácter inovador desta grande figura do teatro português dos nossos dias, é o novo tratamento do elemento tempo. Outra importante característica é a harmoniosa combinação do real com o imaginário.

As peças mais representativas de Luis Francisco Rebello, são certamente: «O dia seguinte», «O mundo começou às 5 e 47» e «Alguém terá de morrer». Esta últi-

ma é já do conhecimento do nosso público pois foi representada no Teatro Faialense, por ocasião da III Semana de Estudos.

Mas é à peça «O dia seguinte que nos vamos referir
(Continua na 4.ª página)

O Jovem perante a vida

O mundo dos nossos dias está repleto de todos os meios que podem conduzir um jovem à imoralidade.

Mesmo nos ambientes mais pequenos, nos quais julgamos não haver tanta devassidão, os jovens encontram sempre circunstâncias favoráveis à desorien-

tação que os leva ao caminho errado.

Por todo o lado abundam revistas e jornais que tratam, da maneira mais descabida, assuntos que deviam ser tratados com toda a seriedade; livros com leituras menos próprias que muitas vezes desencaminham em mau rumo a vida de muitos, mesmo daqueles que eram dotados duma boa formação.

São os cinemas com as suas indecorosas cenas de amor, as guerras e os sonhos, que servem, não raro, para incitar os jovens à prática.

São as diversões impróprias a que muitas vezes se entregam, na ânsia de se aturdiem, esperando assim esquecer-se das realidades da vida. As casas de jogo, por outro lado, são a causa da perda de consideráveis somas de dinheiro e da própria honra.

E que pensar da situação política e social do mundo?

Nações que não se enten-

Direitos e deveres da JUVENTUDE

Todo o homem tem direitos e deveres. É lógico, portanto, que os tenha o jovem. Como se encara este problema quanto à juventude?

A maioria (dos grandes, claro) é de opinião que o jovem só tem deveres, que deve cumprir sem protestar.

Esta imposição tem início na infância; a criança há-de fazer isto ou aquilo, ir aqui ou ali, pois é necessário. Mas tem de limitar-se a isso, porque o resto é proibido. Os motivos nem sempre lhe são explicados. Geralmente, ela não os procura: basta-lhe a palavra dos pais ou professores. Se não se convence, chovem ameaças terríveis.

(Conclui na 4.ª página)

(Conclui na 3.ª página)

a abrir

Vai o «Arauto» iniciar um novo ano de vida com novos elementos no corpo redactorial, todos animados de boa vontade e dispostos à dedicação e ao entusiasmo.

Só com sacrificio se mantém um Jornal académico, embora modesto. Mas da coordenação dos esforços de todos os que se interessam pelo «Arauto» redac-

tores, colaboradores, assinantes dirigentes, alguma coisa de positivo resultará, com proveito para os estudantes.

Esperamos o apoio de todos os nossos colegas, que possam ajudar o jornal, inscrevendo-se como assinantes e colaborando com artigos, ou simplesmente com sugestões, que possam ser úteis, o que desde já agradecemos.

COLMEIA

um órgão formado de órgãos

Em toda a colmeia há sempre uma entrada principal com lustrosos alvéolos de cera pendentes no lado de dentro da porta. Alguns favos contêm mel, outros pólen. Um terceiro tipo de

favos, o da criação contém as larvas — abelhas imaturas sem asas e sem patas. Cada colmeia possui uma rainha, — abelha maior, que põe até 3.000 ovos por
(Conclui na 2.ª página)

O TERCEIRO ESTADO

O Terceiro Estado era uma das ordens sociais francesas de antes da Revolução. Era a classe mais numerosa, isto é, aquela que compreendia a massa da nação, e era também a classe não privilegiada.

O Terceiro Estado não era mais que o conjunto de três classes: burgueses, artífices e camponeses: três classes na realidade bastante desiguais e distintas, como vamos ter ocasião de observar.

A BURGUESIA

Esta classe social, era composta por indivíduos que não executavam nenhum ofício mecânico, mas sim por aqueles que exerciam profissões liberais, tais como: professores, médicos, advogados, notários, escrivões, procuradores, e por fim, pelos grandes comerciantes, industriais e financeiros.

A burguesia enriquecera muito durante o século XVIII com o comércio que, apesar das guerras, não tinha cessado de prosperar.

Como sabemos, o comércio é uma grande fonte de riqueza e, nessa época, era exclusivamente aproveitado pelos burgueses. Estes enriqueceram tanto com o comércio e outras actividades económicas que emprestavam grandes somas ao Rei; foram os burgueses também quem se encarregaram das grandes obras públicas, tais como a construção de estradas. Portanto eram particularmente os membros da alta burguesia quem mais sofria com a desordem financeira, com o déficit, com os pagamentos irregulares, enfim, com a bancarrota. Daqui lhes vinha o desejo de uma *transformação política*, que lhes permitisse fiscalizar e administrar os dinheiros do Estado.

Os burgueses influenciados pelas ideias dos grandes filósofos — percursores da Revolução — Rousseau, Voltaire, Diderot, Montesquieu, d'Alembert, Quesnay

e Turgot — possuíam o acertado sentimento do seu próprio valor traduzido pelo seu nível económico e cultural. Daqui o desejo, não só de uma transformação política, como também *social*, que igualasse o burguês com o nobre.

Este estado de coisas encontra-se simbolizado nas palavras do Abade de Siéyes, transcritas a seguir e tiradas da obra que este homem da Revolução publicou em Janeiro de 1789, e que demonstram claramente qual a situação e quais as aspirações da burguesia:

«O que é o terceiro Estado? Tudo. O que tem ele sido até agora na ordem política? Nada. Pode ele ser nela alguma coisa?»

OS ARTIFICES

Esta classe estava abaixo da burguesia e compreendia todos os indivíduos. Estes operários patrões ou operários que viviam duma actividade manual, viviam principalmente nas cidades, mas representavam uma percentagem inferior de população, devido ao fraco desenvolvimento da indústria.

Estes artífices estavam agrupados em velhas corporações, que paralizaram o espirito de iniciativa e o progresso da indústria. Segundo as próprias palavras de Turgot (grande economista, ministro no período que precede o sucesso revolucionário e que em 1766 abole as velhas corporações de Artes e Ofícios, que voltaram a ser restabelecidas depois da sua queda) — «Não permitiam o imprescritível direito de cada qual poder exercer livremente as suas faculdades de trabalho e de produção».

Em Paris os operários livres eram numerosos, sobretudo em Santo António.

OS CAMPONESES

— esta classe era composta por mais de vinte e um milhões de franceses que se dedicavam à terra.

(Conclui na 3ª página)

COLMEIA

um órgão formado de órgãos

(Conclusão da 1.ª página)

dia. Há também um número de zangãos cuja função é sómente fecundar as novas rainhas, quando elas chocam durante o período próprio.

A maioria das outras abelhas são «operárias», que executam uma variedade de tarefas específicas. Uma é amamentar, ministrar às rainhas e às larvas «leite de abelha», rico em proteínas — produzido por glândulas especiais existentes na cabeça da abelha alimentadora. Fazer cera é outra. Neste processo as abelhas comem mel, que é convertido por glândulas especiais, em cera. Com espinhos que têm nas patas traseiras, elas tiram as escamas de cera que se projectam de bolsas existentes no abdómen e levam-nas à boca. Depois mastigam e moldam a cera em alvéolos hexagonais, que formam os favos. As operárias também saem à procura de pólen e néctar. O néctar é dado às abelhas «receptoras», que o convertem — por meio de glândulas de secreção — em mel e o armazenam no favo.

Algumas operárias actuam como sentinelas da colmeia, admitindo sómente as forrageadoras que pertencem à mesma. Estas são reconhecidas pelo odor apercebidos pelos 12 000 órgãos olfactivos localizados na antena. As abelhas estranhas à colmeia, são mortas instantaneamente.

Renovar o ar da habitação (ficando do lado de dentro da entrada abanando as asas), construir alvéolos e limpar a colmeia, eis as outras obrigações.

Todas as abelhas têm a noção da sua tarefa em particular e da sua função em comum.

À proporção que os apicultores foram verificando todas estas tarefas executadas ano após ano sur-

giu uma pergunta: Que corrente de inteligência passava pela colmeia e dizia às diferentes partes o que deviam fazer?

Muitos estudos foram feitos por cientistas entre os quais se destacam o alemão RÖCSH, a russa PEREPELOVA, MYKOLA MAYDAK.

O Dr. C. RIBBANDS, estudou este problema. Ele notou um aspecto da vida da colmeia que ninguém havia estudado seriamente — a constante circulação de alimento no cortiço. O alimento é passado incessantemente da ama para a rainha, da ama às produtoras de cera, para as limpadoras de alvéolos, para as receptoras, para as forrageadoras e vice-versa. RIBBANDS convenceu-se de que cada fase do desenvolvimento da abelha contribui com uma secreção glandular diferente ou uma enzima, o que, quando todas presentes e em quantidade suficiente, revela que o colmeia está equilibrada.

Este conceito é baseado num conjunto de descobertas extraordinárias. Qualquer abelha, sabe-se agora, pode envelhecer rapidamente ou, mais inacreditável ainda, ficar jovem! A abelha estéril pode pôr ovos; a senil pode sentir rejuvenescidas as glândulas que se atrofiaram. Uma única abelha pode, em resumo, fazer o «impossível» para manter a integridade da colmeia.

Muitos estudos restam ainda a ser feitos. As propriedades químicas, dos ingredientes alimentícios, por exemplo ainda têm de ser isoladas e identificadas, mas pode já dizer-se que as abelhas constituem uma sociedade modelo em que todos os indivíduos trabalham em conjunto para um fim comum.

J. M. FERREIRA

perante a vida

(Conclusão da 1ª página)

dem, que lançam culpas umas às outras, que desencadeiam guerras, quando os homens deveriam procurar a harmonia e o entendimento...

É que pensar das fomes que fazem vítimas milhares e milhares de crianças inocentes, causadas pelo ódio entre as raças e entre os povos?

A própria diversidade de religiões, já nos nossos dias, origina incertezas e inimizades, falta de caridade, quando Deus disse que nos deveríamos amar uns aos outros. Quanta desordem resultante da indiferença religiosa e do materialismo que tanto afecta o homem dos nossos dias!

E que sentirá o jovem perante tudo isto?

Poder-se-á sentir seguro para a vida? Será capaz de se ajustar no caminho certo? Não sentirá pelo contrário dúvida e angústia, ao ver quanta calamidade vai pelo mundo? Não fará ele parte, mais tarde, desse caos? Como conseguirá uma vida feliz e plena de amor, quando reina tanta confusão e tanta incompreensão no mundo?

Como resolver estes problemas?

Aqui vêm a propósito as lições e as referências daqueles por quem a vida já foi mais intensamente vivida, para os quais também a vida já teve os seus espinhos,

São estes que agora devem ajudar os mais novos, a conseguir a plenitude da vida, com as suas exortações amigas, as suas advertências na ocasião certa.

Recomendem-lhes leituras educativas, inculquem-lhes ideias sãs, e, sobretudo, deem-lhes, o melhor de si mesmos: o exemplo.

Maria Zulmira Nunes

a terceira estada

(Conclusão da 2ª página)

Os camponeses em grande parte dividiam-se em: colonos, jornaleiros, rendeiros e censatários.

Os colonos — consideravam-se colonos aqueles indivíduos contratados ao ano a preço de vestuário, de habitação e de alimentação. No Poitou custava 36 libras, pouco mais de 100 francos por ano. No Bérrie 25 libras, pouco menos de 75 francos por ano.

Os jornaleiros eram pagos diariamente não ganhando mais de 10 soldos, um franco e 5 centimos por dia.

Os Rendeiros partilhavam com o proprietário os produtos da terra, partilhando também os encargos. *Os Censatários*, estes os mais numerosos e também os mais desgraçados, eram os que possuíam a terra mediante o pagamento de rendas feudais. Muitos tinham adquirido propriedades; um número bastante reduzido, cerca de 500.000 conseguiu porém fruir em pleno senhorio

Os ENCARGOS DOS CAMPONESES—Todos os encargos recaíam sobre os camponeses.

Sobrecarregados com os impostos directos, tinham, além disso, de pagar ao cura o dizimo.

E para o camponês censatário havia ainda mais um encargo que consistia afinal no pagamento dos direitos feudais. Destes inumeráveis direitos aqueles que eram cobrados com mais rigor eram: a *jugada*, uma espécie de dizimo, pago em feixes de trigo, etc.

As *banalidades*, pagas pelo uso obrigatório do moinho, do forno e do lagar senhorial.

Os direitos feudais pesavam tão duramente sobre o camponês como o dizimo.

Resumindo, o camponês censatário era despojado

de mais da quarta parte do seu rendimento pelo rei, pelo cura e pelo senhor; era, pois, com a quinta parte do seu trabalho que ele tinha de viver, juntamente com a família, não esquecendo os impostos indirectos que tinham de ser pagos também.

Vemos, portanto, que neste regime de vida não era possível ao camponês amealhar algumas economias, e, se as possuía, elas eram bastante reduzidas, visto que a menor alteração atmosférica reduzia-o a uma pobreza sem limites.

Em 1788/89 a França atravessava uma crise de miséria; mendigos, vagabundos famintos, assim como bandidos percorriam as estradas de França. E foi nesta época de crise, de verdadeira miséria que se reuniram os Estados Gerais, cujos deputados apresentaram nos seus cadernos o que constituía um uníssono clamor de lamentações.

— Somos verdadeiros servos e escravos dos senhores; verdadeiros escravos pelos direitos feudais de que somos obrigados a pagar aos mesmos senhores; o feudalismo é o nosso maior flagelo; a abolição de todas as servidões que pesam sobre o povo e sobre a terra, é urgente.—isto diziam muitos cadernos da Bretanha.

Alguns camponeses de Champanhe escreviam:

—«Se visseis as pobres cabanas que habitamos, a mísera comida de que costumamos alimentar-nos, hávies de, por força, sentir dó. Isso dir-vos-ia melhor do que as nossas palavras, que já não podemos mais e que é preciso aliviar-nos.»—

Como estamos a ver, as essenciais reivindicações dos camponeses consistiam em: a destruição dos impostos feudais e a diminuição

dos encargos do Estado. Na missa da abertura dos Estados Gerais em 4 de Maio de 1789 o Arcebispo de Nancy, dirigiu-se a Luís XVI durante a pregação nestes termos:

«— Senhor, o povo sobre quem vós reinais deu inequívocas provas de paciência, é um povo mártir ao qual parece ter sido deixado a vida sómente para sofrer por mais longo tempo.»—

CONCLUSÃO

Foram estes factores apontados que, no seu conjunto, deram origem à formação dum clima favorável a uma profunda transformação da sociedade francesa, que se encontrava separada por rivalidades inerentes à má organização política, por um lado, e à evolução económica, por outro.

A alta nobreza que ocupava os cargos de direcção, não podia acompanhar o progresso dos grandes comerciantes. Esta desvantagem fez com que se empenhassem na defesa dos seus tradicionais privilégios, o que agravava a situação dos camponeses, vinculados nos seus domínios. Por outro lado a falta de géneros, a carestia da vida, o desemprego, e o peso dos impostos criaram um ambiente de mal estar que puseram em evidência a imperfeição e a fraqueza do sistema político.

As reformas necessárias à solução destes problemas, não podiam realizar-se sem o concurso de todas as classes, com a consequente queda dos respectivos privilégios.

Estava eminente uma grande revolução social: a Revolução Francesa.

Gabriela Teles

(Continuação da 1.ª pág.)

mais demoradamente, por ser a mais significativa de Luís Francisco Rebello e, na qual melhor se podem estudar os aspectos característicos do seu teatro.

A acção da peça desenrola-se num ambiente imaginário, embora baseado num tema real — «situando as personagens acima do espaço e do tempo», no dizer do próprio autor.

A peça representa o primeiro dia da morte das duas personagens centrais e o primeiro dia duma vida que eles presumiram impossível de viver. É a história dum rapaz e duma rapariga que se suicidaram e são depois julgados num tribunal extra terreno. O juiz pede aos dois protagonistas que lhes contem a sua história, desde o dia em que se conheceram. É então que se faz um retrocesso, e ambos recordam o passado, desde que Carlos se confessou apaixonado por Matilde. Recordam os dois esse dia, em que ambos julgaram vir mais tarde a ser completamente felizes. Mas logo ela se volta contra o juiz com um «e não fomos!» gritante, acrescentando que a vida os tinha traído, tinha destruído os seus santos, tinha fugido debaixo dos seus pés como um alçapão... Mas, calmamente, o juiz daquele tribunal imaginário, ordena-lhes que continuem a sua narração.

Voltam novamente ao passado, e as cenas que se sucedem são agora cada vez mais dramáticas, as cenas de uma situação que desesperadamente se estreita cada vez mais

Então o autor faz-nos mergulhar no futuro das personagens fazendo-nos antever tanto a decepção duma filha de aspecto duvidoso que maldiz ter nascido, como a felicidade dum filho que é a realização plena dos seus mais íntimos anseios.

E é por esse filho que não quiseram que nascesse que eles se condenam. Só

então Carlos e Matilde compreendem como foi errada e injusta a sua decisão.

Matilde roga ao juiz, num tom suplicante, que lhe restitua a vida.

E Num tom quase indiferente o juiz conclui o julgamento: só se vive uma vez. E quando essa vida é para sempre, agora é tarde demais...»

Este drama é acima de tudo um ataque contra o suicídio. Mas é também um cântico de esperanças quando o secretário diz...»

A estas horas, no mundo, um novo dia começa.

(Conclui na 5.ª página)

Direitos e deveres da JUVENTUDE

(Conclusão da 1.ª página)

Com o adolescente a situação agrava-se. Ele já não aceita os deveres pela autoridade com que lhe são impostos. Exige uma explicação, quer que lhe falem de igual para igual, para saber porque deve agir assim.

Infelizmente, ainda jovem não encontra, a maior parte das vezes, quem o esclareça sobre o dever a cumprir. E rebelde por natureza, volta as costas a tudo que é obrigação para

só pensar nos Seus direitos.

A juventude deseja, acima de tudo, liberdade; que não haja obstáculos «absurdos» aos Seus anseios.

Se os pais tentam controlar a vida dos filhos, estes revoltam-se:— «Então não tenho os mesmos direitos dos outros? Será que tenho de passar a vida fechado em casa a estudar? Não vêem como se divertem os meus colegas?»

Não raro se ouve, a certa altura de uma conversa entre um aluno que estuda e outro que *anda no liceu*: — «Óh, pá, que inteligência tu tens! Mas é que tu gostas mesmo de estudar. Eu não consigo ».

O jovem que fala assim tem frequentemente mais capacidade de estudo que o seu interlocutor. A diferença é que este, por motivos que ele lá sabe, tem de cumprir os seus deveres de estudante, enquanto o outro não pensa nisso.

No campo moral continua a exigência de direitos sem fundamento. Havendo namoro, se a mãe quer intervir logo tem de calar os bons conselhos, porque «parece que nunca namorou; a minha mãe não é que vai casar com ele; todas namoram e eu tenho também esse direito; porque quer que seja ridícula perante os outros?». E assim poderiam citar-se outros exemplos. *Direito e deveres* não devem ser, por conseguinte, uma antítese mas andar intimamente ligados. Para que tal aconteça é necessária compreensão mútua entre jovens e adultos. Estes, em vez da sua autoridade indiscutível, convém que adoptem um método mais acessível e humano.

E nós jovens, vamos reflectir, antes de exigirmos direitos, que geralmente não temos.

Maria Leonor Dias

A escolha da carreira

Nos países evoluídos dotados de grandes recursos, há já Institutos de orientação profissional, onde é fácil descobrir a vocação em que o individuo poderá realizar-se!

Em Portugal pouco se fez nesse sentido embora algo comece a esboçar-se, como, entre outras actividades, o ciclo preparatório, que dotado de mais disciplinas diferentes poderá ajudar a descobrir nos jovens as suas tendências naturais. Por enquanto pode todavia dizer-se que, de positivo não se tem conseguido muito neste campo orientador. E duma maneira geral escolhe-se a carreira a seguir, ou para condescender com os pais, ou porque tem disciplinas mais fáceis, ou porque o curso, abre perspectivas de maiores proveitos, etc, etc. É assim que, muitas vezes se erra completamente no caminho seguido.

É evidente que, só de uma orientação correcta se colhe um bom resultado e

dai a eficiência no Trabalho a realizar, em qualquer sector da vida. Não pode ser um bom engenheiro aquele que devia ser médico, nem será bom professor o que daria um óptimo arquitecto. Dai uma desorientação geral que se reflecte na vida da Nação.

É este um grave problema que deve ser equacionado em parte pelos jovens, deligenciando procurar desde o início, descobrir seriamente a sua vocação, e em parte pelas entidades responsáveis na educação dessa juventude.

Actualmente em Portugal trabalha-se activamente por uma reforma educativa de que se espera muito benefício o país neste aspecto da orientação profissional.

Quando o que se planeia hoje nas esferas oficiais der resultados práticos, teremos então uma pleias de jovens habilitada a saber escolher a sua própria carreira.

Conta-se que Antoine Lumière viu, um dia, numa loja, um cinetoscópio e que, maravilhado com aquela máquina inventada por Thomas Edison, entusiasmou os filhos a construir um aparelho idêntico, mas que permitisse a projecção sobre ecrã. O que é certo é que este delicado problema coube a Louis Lumière, filho mais novo de Antoine Lumière, que, auxiliado por um engenheiro, conseguiu construir a primeira máquina de projecção.

Como qualquer outro invento, o cinema foi sendo modificado e aperfeiçoado, até que se conseguiu chegar ao cinema dos nossos dias. E é, precisamente, sobre esse cinema, relacionado com a educação da Juventude que tanta tinta se tem feito correr.

O cinema hoje, em dia, é um espectáculo, para o qual a maioria de Jovens e adultos se sente atraída

À semelhança de todos os espectáculos, o cinema tem os seus valores positivos, mas não deixa de ter os seus aspectos negativos.

Como valores positivos apontam-se, por exemplo, a exigência da máxima concentração da atenção no ecrã sem a qual, não chegamos a conhecer, verdadeiramente, o enredo do filme a que assistimos. O filme desenvolve a atenção

O facto de termos que reter na memória a sequência das imagens, para sermos capazes de perceber o filme e depois podermos contar aos outros o seu conteúdo, é um valor positivo na medida em que contribui bastante para o desenvolvimento da memória

O cinema pode ser ainda um valor positivo quando nos auxilia a compreender ou a filmar algum facto histórico, político, religioso, económico ou social, seja ele actual ou já pertencente ao passado.

Por outro lado, também apresenta os seus aspectos negativos. Ora vejamos:

Num meio tão pequeno como é, por exemplo, o nosso, onde há tão poucos divertimentos, o cinema pode ser, e para alguns já é, um vício.

Na Juventude, talvez mais do que em qualquer outra idade, os Jovens têm uma maior tendência para adquirir vícios, entre eles: o fumo, a bebida e o cinema, talvez devido à restrita visão da vida que possuem, não olhando as consequências.

Ora para um estudante viciado pelo cinema, este é um mal, na medida em que, roubando com frequência o tempo aos estudos, prejudica muito o aproveitamento do estudante.

Por vezes vemos filmes cujas cenas e ideias não correspondem à realidade ou representam atitudes moralmente condenáveis. Isto pode fazer com que alguns, que ignoram a verdade, se deixem arrastar por essas mesmas cenas e ideias, com prejuízo moral.

Se alguém vê uns namorados numa atitude imoral, diz logo que eles não têm vergonha, que não têm respeito pelos mais velhos, que os pais não lhes sa-

bem dar educação, porque nunca a chegaram a ter, etc. Nem sequer se pensa que eles apenas se limitam a pôr em prática algumas das muitas cenas imorais que viram no cinema.

Quando há um roubo perguntamos uns aos outros:

«Como é que ele se foi lembrar daquele pormenor?» Se um disser que, em parte, foi indo ao cinema, chamam-lhe parvo e estúpido ou moralista.

Os estudantes que fazem greve, não a farão influenciados pelo cinema?

Muitos outros aspectos poderiam ser mencionados, mas isto basta para demonstrar a influência que o cinema exerce sobre o Homem, nomeadamente na educação da Juventude.

Daqui se depreende quão grave é a responsabilidade de todos os que contribuem como artistas, realizadores, empresários, e educadores, para a apresentação ao público de filmes moralmente prejudiciais.

Renato Leal
7.º ANO-B

O T E A T R O

de Luis Francisco Rebello

(Conclusão da 4.ª página)

Um dia de trabalho e de luta, mas também de alegrias e de esperanças...

Esta peça foi estreada na Pátria de Molière, tendo sido depois representada em Espanha, no Brasil, na Belgica e até em Israel. Foi escrita em Setembro de 1949, sendo somente apresentada ao público português, pela primeira vez em Julho de 1958, após ter sido, finalmente, aprovada pela censura do nosso país, no ano anterior.

Luis Francisco Rebello tornou-se, pois, um dos dramaturgos portugueses

mais em evidência, sendo «O dia seguinte» a sua peça mais discutida, apesar da originalidade de «O mundo começou às 5 e 47» e da profundidade de «Alguém terá de morrer». Deixamos prepositadamente para o fim a preocupação social do autor. Luis Francisco Rebello diz que o teatro deve ajudar os homens a viver, mesmo quando está tudo contra nós. A preocupação social é manifestada em todas as suas peças, pois que é o traço dominante da sua qualidade de artista.

Mário Frayão

Do Liceu e do Cirlo Preparatório

Novas Professores

Leccionam pela primeira vez como professores do Liceu da Horta as Senhoras Drs. D. Maria da Natividade Almeida e D. Lidia Aguiar Lacerda, em serviço do 8.º grupo e do 3.º, respectivamente.

No Cirlo Preparatório leccionam pela primeira vez as senhoras D. Maria Simas Cardoso, português, e D. Maria Balbina História. Para Educação Física foi nomeado o Sr. Prof. Gaspar Neves, que já exerceu as mesmas funções como professor de Liceu.

Da Mocidade Portuguesa

Concurso Literário

«A Mocidade e o Natal»

Por iniciativa do Comissariado da M. P., é aberto, como nos anos anteriores, este concurso literário, para o qual chamamos a atenção dos nossos colegas e leitores.

Curso de formação e cultura portuguesa

Por despacho do Ex. mo Comissário Nacional, é promovido este curso, constituído por 12 sessões em colóquio por um professor, para a qual se torna necessária a frequência de 30 alunos, voluntariamente inscritos, nomeadamente dos anos mais adiantados. O curso, ao nível central, havendo possibilidades de realização, termina nas férias do Carnaval.

Descobertas Sensacionais

—No 6.º Ano descobriu-se, com «Prazer», um método revolucionário de traduzir latim: regá-lo de lágrimas, choro e ranger de dentes.

—Recentemente fomos dar com um colega nosso, de redacção, a cantarolar com entusiasmo e convicção os seguintes versos da sua autoria, que transcrevemos com a devida vênia.

Abandonei o *Semi-desterro*
E tudo o que gostava,
P'ra responder à chamada
Daquela que eu amava
E nunca mais me senti só

O NAMORO DAS CRIANCINHAS

—«Guarda-chuva» e «Bengalinha», estavam perdidos de amor, mas tudo o vento levou...

—Até quando seu cara, vai namorar o bróchinho qui bôcê péscou o outro dia?

(Resposta para este jornal ao n.º 000.



«PATA-PATA», a canção do momento (lá fora). O namoro do momento (entre nós).

Celebridades Incógnitas

E' com muita honra e com pleno prazer que pomos a nossa pena satírica ao serviço das artes e dos génios.

Vamos revelar um valor perene de juventude, de vontade de viver e de morrer d'amores, a pena e o violão; os versos e a música (que podem ter a certeza não são plagiados), são antes porém, trovados à *Americana* e francamente influenciados pelo «estilo» de «roberto carlos».

Em prol da arte e a pedido de muitas admiradoras.

Barão da Muita Terra

São assim os Estudantes...

QUADROS

da vida do futebolista

Simões

podem ser adquiridos
na firma

«Tu mexericas
eles aparecem»

Praça do Infante



Qual é o parzinho que
queria uma piada?

Ele é do magistério e
ela é do 6.º Ano. (O resto
é com o leitor).

Versos Livres

O sol do «amor de inverno» voltou a brilhar
Ela pôs de lado os óculos de sol
Que comprou p'ra chorar
Ele é de novo o protagonista
Da «FITA» do seu eterno amar

ELE sonhava com uma ELA imaginária
De olheiras roxas, olhos lípidos
Dormentes, languescentes
Onde as violetas se iam debruçar
E eis que cai da cadeira!!!
Olha em redor! . . .
Onde estava???

Na aula de latim do 7.º ano!!!

Coitado do Zé Maria
Oh! que triste vida
Ai! que triste viver aquele
Vai-se a noite e vem-se dia
E lá está está o Zé Maria
ONDE?